

76

**Circular
Técnica***Porto Velho, RO
Agosto, 2005***Autores****Maria das Graças R. Ferreira**
Eng. Agrôn., D.Sc., Embrapa
Rondônia, Caixa Postal 406,
CEP 78900-970.

E-mail: mgraca@cpafro.embrapa.br.

Perspectivas para a viticultura na região sul do Estado de Rondônia

Na região amazônica, a agricultura familiar é um dos principais sistemas de uso da terra, tanto sob o aspecto econômico, sendo responsável por pelo menos 80% da produção de alimentos básicos da região (arroz, feijão, mandioca, milho), quanto social, já que é desenvolvida em praticamente toda a região por, pelo menos, 500 mil produtores. Este tipo de exploração tem como característica a relativa autonomia na gestão dos meios de produção; a família como unidade básica de produção, pois, geralmente, não há contratação de mão de obra adicional; grande parte da produção é destinada ao auto-consumo, sendo comercializado apenas pequeno excedente; sistema de produção diversificado procurando conciliar parâmetros econômicos, sociais e ecológicos; o tamanho da propriedade é sempre reduzido; o nível de renda da unidade produtiva é baixo, face ao baixo nível tecnológico adotado e o grau de integração com o mercado de insumos e de produtos é reduzido. A importância deste segmento pode ser constatada pelos dados do Censo Agropecuário (1998). O número de unidades produtivas com menos de 100 ha passou de 43,3% em 1975, para 74,1% em 1995. Em Rondônia, onde a agricultura familiar desempenha um papel primordial na ocupação da terra, cerca de 93% das 85.907 propriedades rurais do Estado possuem área inferior a 200 ha.

A ocupação territorial de Rondônia representa bem o processo de assentamento das populações migrantes na Amazônia. Mais de 90.000 pequenas propriedades familiares constituem uma base produtiva de rápida resposta aos programas de estímulo à produção. Por outro lado, alguns empreendimentos de porte, ligados à atividade madeireira e à pecuária representam importantes alternativas econômicas. O agronegócio da Amazônia, em seu sentido amplo, engloba estes dois segmentos que têm suas cadeias produtivas se conectando e atuando como complementares.

A sustentabilidade da agricultura familiar na região amazônica, além da incorporação de novas tecnologias aos seus sistemas produtivos, depende fundamentalmente da solução de problemas estruturais (vias para escoamento da produção, crédito, armazenamento, comercialização, etc.), que minimizem os riscos e assegurem a sustentabilidade do agronegócio familiar. Como, em geral, o tamanho do negócio de cada produtor é relativamente pequeno, torna-se difícil competir com os grandes, em que predominam escalas econômicas de produção. Para que a agricultura familiar seja fortalecida, os fatores que contribuem para sua baixa competitividade devem ser solucionados. No entanto, se as mudanças não ocorrerem em tempo hábil, dificilmente haverá avanços em direção a um padrão sustentável.

As regiões de clima tropical úmido, são em termos biológicos, as mais produtivas do mundo. Essa produtividade se manifesta tanto pela quantidade de biomassa produzida por unidade de área, como pela biodiversidade da flora e da fauna de tais regiões. A causa está na abundância dos dois principais fatores que estimulam a fotossíntese: energia solar e água. Para a obtenção de uma elevada produtividade biológica, o solo não precisa ser fértil, basta que possua boa estrutura física, ou seja, não apresente impedimentos capazes de reduzir o crescimento, a penetração e respiração das raízes, o que certamente limitaria a absorção de água e dos nutrientes minerais indispensáveis para a vida das plantas (Alvim, 2000).

A história da viticultura nas regiões tropicais brasileiras caracteriza-se pelo ceticismo e a ousadia inicial, a organização setorial, os investimentos públicos e a

evolução tecnológica na fase de implantação/consolidação, a projeção nacional e internacional e o sucesso empresarial dos anos 80 até meados da década de 90 e a natural necessidade de ajustes das características dos produtos ofertados às exigências do mercado consumidor em constante mudança.

Um dos aspectos característicos e marcantes da vitivinicultura brasileira é a sua diversidade e complexidade. Na verdade, temos diversas vitiviniculturas no país, cada uma com sua realidade climática, fundiária, tecnológica, humana e mercadológica. Entretanto, para qualquer uma delas, o cenário que se esboça neste início de século XXI é de competição acirrada tanto no mercado externo quanto no interno, exigindo grande esforço de organização e política setorial.

A área plantada com videira no Brasil, segundo os dados Anuário Estatístico do Brasil (2002), era de 59.838 hectares, sendo que 42.930 hectares estavam localizados na região Sul e 5.339 hectares no Nordeste. Nesta região destacavam-se os municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, que juntos possuíam uma área cultivada, segundo IBGE (Produção Agrícola Municipal, 2001) de 4.493 hectares. Muito embora a região Sul apresente-se como a maior produtora de uva do país, vale ressaltar que a uva produzida nessa região destina-se, principalmente, à produção de vinho, enquanto nas regiões Sudeste e Nordeste predominam a produção de uvas de mesa.

A viticultura em Rondônia começou no sul do Estado, especificamente em Vilhena, município situado em uma região de cerrado, a 615 m de altitude, que apresenta um microclima com temperaturas noturnas amenas e maior amplitude térmica (diferenças entre temperaturas diurnas e noturnas), características que favorecem o cultivo da videira americana. Um cultivo incipiente já existiu mas devido à falta de apoio e assistência técnica, os parreirais foram pouco a pouco abandonados.

Outro fator que contribuiu para inviabilizar os primeiros cultivos realizados foi a utilização errada de variedades da espécie *Vitis vinifera* L., pouco adaptadas ao clima úmido devido à sua elevada suscetibilidade a doenças.

A incipiente viticultura regional tende a acabar, embora possam ser destacados alguns pontos de vantagem competitiva, tais como municípios na região sul do Estado com clima que possibilita o cultivo de variedades americanas e um mercado local, onde tudo o que se consome é importado de outros estados produtores, como São Paulo e que

está disposto a pagar preços de até R\$4,00 pela uva de qualidade mediana. Há também mercados potenciais como os estados do Amazonas e Acre. Vale a pena destacar que 90% da mão de obra é familiar, não apenas na fase de produção mas também na comercialização dos produtos. Este é um exemplo da viabilidade técnica da videira nesta região do Estado e de sua importância social para a agricultura familiar, sobretudo nos municípios onde predominam população de origem sulista e descendente de italianos, povo que já possui tradição no cultivo da videira. Ressalta-se a importância na geração de empregos, pois ocupa além da família, mão de obra contratada, pois cada hectare necessita de pelo menos dois funcionários. Por outro lado, a videira em condições tropicais apresenta particularidades no seu comportamento fisiológico, diferenciando-se o seu cultivo de qualquer outra região do país. O controle fitossanitário, sobretudo na estação das chuvas, é um aspecto que dificulta o manejo e eleva os custos de produção. A alta umidade relativa do ar favorece a ocorrência de doenças (míldio, antracnose, podridões do cacho, etc) mas com as quais é possível conviver através de programas preventivos. Uma maior ocorrência de insetos também pode ser observada, em consequência do desequilíbrio ecológico resultante dos desmatamentos das florestas. Para isto é importante estabelecer áreas circundantes ao parreiral com vegetação nativa e associar o cultivo de leguminosas e gramíneas com a videira.

O governo estadual, através da Secretaria de Agricultura e Emater, e a Embrapa Rondônia podem fomentar o desenvolvimento da viticultura no Estado através de ações que contemplem:

- **Assistência técnica especializada:** os técnicos seriam responsáveis pela orientação dos produtores, elaboração de ações para incentivar o crescimento dos cultivos nestes municípios e condução dos experimentos juntamente com a Embrapa Rondônia.
- **Pesquisa local:** instalação de experimentos em áreas de produtores para avaliar variedades de copa e porta-enxertos. Outros estudos sobre o manejo seriam realizados em etapas posteriores. Estas áreas experimentais serviriam ainda como unidades demonstrativas para realização de dias de campo e cursos aos produtores; tais pesquisas ajudariam também na negociação com os bancos, pois os mesmos justificam a ausência de linhas de crédito para esta atividade agrícola pela ausência de pesquisas com a cultura na região.

Referências

ALVIM, P. de T. Agricultura na região Amazônica. In: PATERNIANI, E. (Ed.). **Agricultura brasileira e pesquisa agropecuária**. Brasília: Embrapa Comunicação para a Transferência de Tecnologia, 2000. p. 169-194.

CONCEIÇÃO, M. A. F. **Critérios para instalação de quebraventos**. Bento Gonçalves: Embrapa-CNPUV, 1996, 2 p. (EMBRAPA-CNPUV. Comunicado Técnico, 18).

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

IBGE. Produção Agrícola Municipal. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cgi-bin/prtabi>>. Acesso em: 30 jul. 2002.

MAIA, J. D. G.; KUHN, G. B. **Cultivo da Niágara Rosada em áreas tropicais do Brasil**. Bento Gonçalves, RS: Embrapa Uva e Vinho, 2001. 72 p.

TERRA, M. M. **Tecnologia para produção de uva Itália na região noroeste de São Paulo**. 2. ed. Campinas, SP: CATI, 1998. 81 p. (CATI. Documento Técnico, 97).

**Circular
Técnica, 76**

**Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**



Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Rondônia
BR 364 km 5,5, Caixa Postal 406,
CEP 78900-970, Porto velho, RO.
Fone: (69)3222-0014/8489, 3225-9384/9387
Telefax: (69)3222-0409
www.cpafrro.embrapa.br

1ª edição

1ª impressão (2005): 100 exemplares

**Comitê de
Publicações**

Presidente: *Flávio de França Souza*

Secretária: *Marly de Souza Medeiros*

Membros: *Abadio Hermes Vieira*

André Rostand Ramalho

Luciana Gatto Brito

Michelliny de Matos Bentes Gama

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira

Expediente

Supervisor editorial: *Newton de Lucena Costa*

Normalização: *Alexandre César Silva Marinho*

Revisão de texto: *Wilma Inês de França Araújo*

Editoração eletrônica: *Marly de Souza Medeiros*